



Dobadeiras de seda

Offerecemos a gravura que representa as «dobadeiras de seda» de uma antiga fabrica de Inglaterra, com a intenção de aproveitarmos o enredo de dizer duas palavras ácerca da ultima exposição de sericultura do Porto, e da Universal de Paris com referencia á industria de seda.

A exposição de sericultura do Porto do anno corrente de 1867 foi mais concorrida que a de 1866, e apresentou notaveis aperfeiçoamentos. Deixaram, é verdade, de aparecer muitos expo- sitores na ultima, que tinham aparecido na de 1866; mas em compensação apareceram na des- te anno muitos expositores novos. — Os objectos expostos são da seguinte natureza: meadas de seda; casulos; folhas de diversas especies de amoreiras; instrumentos e machinas. — Entre as meadas de seda encontram-se algumas da provenien- te de bicho da raça piemonteza, e de raça japone- za cruzada. Apresentou-se tambem seda produ- zida pelo bombix yama-main (que se sustenta com a folha de carvalho do nosso paiz) recente- mente introduzido em Portugal. — Os distritos representados na exposição do Porto neste anno são os seguintes: os do Porto, de Aveiro, de Vi- zeu, de Villa Real, de Santarem, de Lisboa, de Braga, da Guarda, de Bragança. — Tudo faz es- perar que a industria da seda se desenvolverá em Portugal, e principalmente nas provincias do norte; e bem para desejar é que se realize esta esperança. Já se distinguem alguns nomes de cavalheiros que hão tomado a peito o desenvol-

vimento de tal industria, taes como os dos srs. Eduardo Moser, barão de Nova Cintra, Jacinto Pereira Valverde e Vasconcellos, etc. (Veja a interessante noticia que o illustrado correspndente do *Jornal do Commercio* dá no n.º 4149 do mes- mo jornal).

Na exposição universal de Pariz ressente-se o artigo seda de França da fatal molestia que tem acommettido o bicho. Tem sido necessario recor- rer ás sedas do norte da Italia; mas ainda esse recurso foi insufficiente, e estendeu-se a busca de tal artigo ao littoral do Mediterraneo, ás Ca- labrias, á Asia menor, ás montanhas do Liba- no, e ainda por fim mais longe, a Bengala, á China, ao Japão.

Oitocentos annos antes de Christo já a China tecia estofos de seda. É naquelle vastissimo paiz, que a França faz o seu maior provimento de se- das; e ainda hoje o fabrico da seda é a indus- tria nacional dos chinezes. Cre-se também que o Japão prima nesta especialidade, e já na Expo- sição Universal de Paris se apresenta brilhan- temente. — A insufficiencia da producção fornecida pelo bicho sustentado pela folha da amoreira, fez que naquelle paiz se recorresse ás sedas menos estimadas dos bichos do carvalho e do carrapateiro, recentemente introduzidos na Eu- ropa.

Pois que a nossa estampa representa as doba- deiras de seda, devemos notar uma circumstan- cia a respeito da China. Parece que aquelle paiz

vê com desprazer a exportação da seda crua, com o receio de que uma parte da sua população fique privada do trabalho da fiação, ao qual está habituado.

PORTRUGAL CONTEMPORANEO AVALIADO POR UM VIAJANTE FRANCEZ

(Continuado de pag. 325)

A vida portugueza, como eu disse, tem tres grandes focos, podia mesmo dizer quatro, accrescentando Braga, onde parece concentrar-se a influencia das velhas idéas clericas. Em parte nenhuma do mundo foi o clero mais poderoso em certa época do que em Portugal. Para assegurar o seu domínio, envolveu o paiz numa rede de capítulos e de conventos que penetravam, debaixo das mais variadas formas, até na intimidade das familias. A sua opulencia accrescentava-se á medida que o Estado se empobrecia; os prelados tornaram-se ricos e poderosos senhores, tendo, debaixo das suas ordens, uma milicia de monges e de conegos, que achavam no fundo do claustro ou nas cadeiras duma cathedral todas as delicias duma vida abundante e ociosa. A virgindade tornou-se uma profissão, para a qual as meninas se preparavam desde a mais tenra idade; aos seis ou sete annos eram confiadas a alguma velha parenta encarregada de as iniciar nos encantos da vida contemplativa, donde não era banida a ambição. Esta existencia clerical tanto se desenvolveu que ia abafando a sociedade civil; dir-se-hia em certos momentos que a familia não subsistia senão para o recrutamento da santa milicia.

Quando a sociedade se mostrou, no movimento moderno, decidida a destruir os privilegios, todo esse mundo de privilegiados se assustou. Não era uma ameaça contra o principio mesmo da sua organisação? O que succederia a essas existencias feudais, se os seus recursos se esgotassem? Na lucta do absolutismo com a liberdade, o clero tomou partido pela immobilidade, dando a D. Miguel o socorro da sua poderosa influencia sobre as massas. É verdade que em frente do clero miguelista organisou-se outro constitucional; mas esse não reunio senão os proletarios da batina, a que se juntaram alguns ambiciosos logrados, e alguns revoltados; os ricos, e os poderosos resistiram. D. Pedro, depois da sua victoria, não se deixou enganar por todas as submissões appartenentes, e em 1834 despedaçou essa terrivel organisação; o bispo e o padre foram respeitados, mas os seus privilegios foram destruidos. Os religiosos, expulsos dos seus conventos, que se fecharam, tiveram de refugiar-se nas fileiras do clero regular; só as freiras conseguiram terminar os seus dias no claustro. Os mosteiros e as suas dependencias foram declarados bens nacionaes. Como medida financeira, se consultarmos as adjudicações em que esses bens foram vendidos, veremos que o governo fez uma triste especulação; mas o resultado politico obteve-se. Pôde-se lamentar apenas que monumentos como o convento de Thomar, o mostei-

ro de Alcobaça, a cartuxa do Bussaco, que poderiam servir para estabelecimento de invalidos, para a criação de escolas publicas, se achem hoje na mais deploravel ruina, porque ninguem delles cuida. Por muitas vezes se tem tentado remediar os inconvenientes desta medida; tudo até hoje foi inutil. Ha pouco tempo a vida de comunidade tentava fazer uma nova apparição; apresentava-se debaixo da sua forma de certo mais sympathica, debaixo das formas das irmãs da caridade. Os lazistas que acompanharam as primeiras religiosas a Lisboa poderam ver o movimento de repulso geral que se manifestou. Quiz alguem apresentar este movimento como dirigido contra a influencia franceza. Era engano; Portugal não queria conventos, fossem elles quaes fossem. Ninguem menospresou a tocante sollicitude das nobres padroeiras da obra, mas acima de tudo estava este pensamento: «Nada de vida monastica.»

Se tivessemos de julgar o passado do clero pelo seu presente, formariamos uma singular idéa dos costumes dessa classe que se dava por modelo. Esses costumes já não impressionam o portuguez, apesar do que teem ás vezes de escandaloso; o presbyterio povoado de primas e de sobrinhas já a ninguem espanta; ninguem nota estas pseudo-paternidades. O padre, sobretudo no campo, não aspira a desfructar uma vida especial; prefere perder-se na multidão. A pouco e pouco mesmo foi abandonando o seu fato; apenas o conhecem por uma orla azul ou branca na sua gravata preta. O padre prior é quem usa as melhores botas de montar, e as mais bellas esporas. O parocho, misturando-se com as suas ovelhas, compra cavallos nas feiras e vende foguetes nas festividades religiosas. Todos conhecem entre Coimbra e Porto, um joven padre, perfeito patusco, que, saindo da igreja, se transformava em empreiteiro de obras publicas, levantando pontes, abrindo vallas, levando, emfim, com o chicote na mão e o charuto na boca, a vida menos canonica do que laboriosa do conductor de caminhos de ferro. Tambem todos os tribunaes da Beira conhecem certo prior, habilissimo advogado, que põe a sua eloquencia ao serviço dos seus parochianos, não gratuitamente, bem entendido, e que não escrupulisa em os abandonar, logo que o papel sellado começa a abrir grande brecha nas suas economias. Não se dá grande importancia a tudo isso, mesmo quando se trata de escolher um confessor, porque todos os portuguezes, pelo menos uma vez por anno, cumprem os seus deveres religiosos. A acreditarmos os boatos publicos, este estado de dissolução do clero portuguez já é um melhoramento. Com franqueza, é ser pouco exigente. Essa vida de ciganos hade esfriar o zelo dos crentes; mas quando esse resfriamento se manifesta, logo se organisa uma pregação, cujo estylo trivial e terrivel nunca deixa de produzir efecto. Chamam-se alguns capuchinhos pregadores que, especulando com a ignorancia das populações, as fazem estar dias inteiros attentas ás narracões dos jubilos e dos tormentos da vida futura.

Fazem-lhes passar por diante dos olhos todas as festas do Paraizo, ou derramam-lhes em ondas sobre a cabeça o chumbo derretido, e o pez fervente do inferno. Essa multidão de serranos (*montagnards*) e de marnotas (*ourriers des salines*) está na igreja, fremente e batendo no chão lageado com a fronte coberta de suor; depois um magnifico fogo de vistas vem coroar a predica; pelo menos metade do efeito oratorio é devido aos foguetes e aos fogos de Bengala. Se ainda não bastassem estes meios recorrer-se-hia ao milagre que não encontra um só incredulo.

(Continua)

M. PINHEIRO CHAGAS.

UMA FORMOSA PAGINA DA PHILOSOPHIA ANTIGA

Um valente orador sagrado portuguez, o grande Padre Antonio Vieira, fallando do homem que devéras se resolve a deixar o mundo ao mundo, e a acabar a vida antes da morte, exprime-se nestes eloquentes termos:

— De quantos quebrantamentos, de quantas molestias, de quantas sem rasões se livra quem está já morto? O epitafio que eu puzera a um morto destes, he aquelle verso de David: *inter mortuos liber*. — Livre de cuidados do mundo, porque já está fóra do mundo. Livre de emulações e invejas; porque a ninguem faz oposição. — Livre de esperanças e temores, porque nenhuma cousa deseja. Livre de contingencias e mudanças; porque se isentou da jurisdição da fortuna. Livre dos homens, que he a mais difficultosa liberdade; porque se descattivou de si mesmo. Livre finalmente de todos os pezares, molestias e inquietações da vida; porque já é morto. —

Assim é; — e difícil fóra exprimir mais energeticamente estas verdades salutares. Mas o homem vive no meio da sociedade, e tem obrigação de contribuir com o seu contingente de esforços, de serviços, de trabalho para o bem geral da comunidade, sob pena de ver desconjuntadas as associações politicas, — o que irremissivelmente succederia, se cada individuo se retirasse da planicie onde se peleja a batalha da vida, e se refugiasse na fortaleza onde se acastellam os cobardes.

Supondo, pois, como não pôde deixar de supor-se, que o homem vive no meio dos embates do mundo, e toma parte nas lidas da direcção das cousas publicas, — surge desde logo a necessidade de uma philosophia mais varonil, mais prática, mais effectiva.

Debaixo deste ponto de vista, é summamente notável a bella pagina que antiguidade nos legou:

— Os homens que passam a vida no meio dos negocios, e querem ser prestaveis a si e aos outros, encontram por toda a parte obstaculos e perigos inesperados, perpetuos e quasi quotidianos. Para acautelar e desviar taes perigos, é necessário estar sempre em guarda, de sobreaviso e álera, como os athletas no combatte do pancracio. Os athletas, desde que se dá o signal da peleja, apresentam-se com os braços estendidos, e escudando a cabeça com as mãos, á maneira de baluarte: todos os seus membros, ainda antes de romper o combatte, estão preparados, ou seja para aparar os golpes, ou para os dar no contendor. — Assim, a alma do homem discreto, sem-

pre attenta ás violencias e ás injustiças de todo genero, que o aguardam em todos os lugares e em todos os tempos, deve estar na defensiva, em guarda, e prestes a obrar; cumprindo-lhe não cerrar os olhos no meio dos perigos, mas sim assestar todo o vigor da intelligencia e do pensamento contra os golpes da fortuna, e contra as insidias dos perversos, — afim de que um incidente funesto não caia sobre nos de improviso, e sem estarmos apercebidos. —

Quereis saber onde se encontra este varonil conselho? Refere Aulo-Gellio que lera estas masculas expressões no livro *De Officiis* que o philosopho Panetius escrevera, e que depois Cicero imitara com tamanho ardor e trabalho. (1)

Não nos ensoberbeçâmos com as honras do mundo, nem lhes sacrificaremos jámais a dignidade de homem e a virtude; não nos esqueçâmos nunca de que a nossa vida é o sonho de uma sombra; mas, em quanto representarmos no theatro da existencia, e lidarmos — em qualquer escala — na direcção dos negocios da comunidade, repassemo-nos dos fortes pensamentos que a philosophia da antiguidade nos transmittio.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

AS LETRAS E OS LITTERATOS

Considerações da actualidade

(Continuado de pag. 329)

Effectivamente vae travada uma lucta a todo o transe entre os productores e consumidores da mercadoria litteraria. Aquelles a facilitarem por todos os modos a procura, estes a menospresarem sempre a offerta. Os auctores a fazerem milagres de barateza na venda dos seus manuscripts, os editores a baratearem o mais possivel o preço das suas publicações, e o leitor, na sua ferrenha tenacidade de não ler, ou antes de não comprar porque, ainda dos poucos que lèm, grande parte só por emprestimo adquire os livros!

E falla-se do baixo preço das edições francesas! e repete-se cada dia com entono esta asserção, como para justificar o pouco consumo das obras portuguezas!

Os livros em França, que, quasi sempre, só se tornam baratos depois de esgotadas as primeiras edições de elevado preço, apesar de terem por mercado o mundo inteiro, não apresentam essa diferença sensivel que vulgarmente se julga, em comparação das publicações baratissimas de algumas empresas editoras de Portugal; e fiamos que, se o gosto da litteratura se desenvolvesse na proporção que comporta ao tamanho do nosso paiz, os editores poderiam facilitar ainda mais a aquisição das suas obras com maior interesse para elles e para os auctores.

Mas ter-se-ha em Portugal explorado, tanto quanto é possivel, este tão útil ramo de commercio? Ter-se-ha alargado o mercado litterario, como cumpria, até a esse paiz de além-mar, que é nosso irmão pela linguagem e pelas tradições, pondo as obras classicas ao abrigo das contrafac-

(1) Veja as *Nontes Atticas*, Liv. 13.º cap. 27. — *Vita hominum, qui ortatem in medio rerum agunt, ac sibi suis que esse usui volunt*, etc.

cões e abrindo larga venda para as obras passageiras?

Estamos certos que não.

A entidade editor nasceu ainda honltem apenas entre nós. Está timida e balbuciante ainda. Não tem animo nem captaes para grandes commettimentos; contenta-se com modestos lucros e não ousa alargar os horisontes das suas perspectivas commerciaes. Se a alguns não escasseia o alento, não lhes sobram tambem os cabedaes disponiveis. A iniciativa individual é, em todo o caso, escassa para alcançar o sim.

Restava um meio apenas; e esse efficaz e salutar. É a federação das forças cooperativas.

Que cada editor conserve a sua autonomia commercial, que viva vida independente, guerreando os interesses dos collegas, e rivalisando com elles na esphera do commercio licito, mas que todos concorram e conspirem para o util sim de fomentar e desenvolver o gosto pela leitura!

O nosso povo é andolente e inerte, como o é ainda mais o povo brazileiro: não têm estes paixismos de fervido entusiasmo, que levam a multidão, avida da novidade, a acotovelar-se á porta do editor! pois bem! vá o editor á casa dos leitores... É mister, para que elles leiam, levar a condescendencia a por-lhes o livro na mão: faça-se assim!

Que a associação federal dos editores crie *comis-voyageurs* para percorrerem as provincias do paiz, a agenciarem em cada terra um correspondente, não d'este ou d'aquelle editor, mas de todos elles, fazendo convencer esses homens, eivados de preconceitos, de que o commercio de letras nem é inglorio, nem ridiculo, nem improductivo: que vão bater a cada porta, fazendo a exhibição da sua mercadoria, e mendigando em cada casa um leitor, já que tanto é preciso!

Semeiem assim os livros de todos... e depois deem embora largas ás rivalidades, que os afastam uns dos outros! Não ha inimigos tão encarniçados, que não concedam treguas reciprocas quando advém d'ahi communs interesses!

E para o Brazil? Para o Brazil basta um homem apenas. Pois seremos nós tão infelizes como Diogenes, que entre os tres milhões e tantos mil habitantes do reino procuremos debalde esse homem, de quem só se exige actividade, intelligencia, e ambição de enriquecer honradamente?

Vá um correspondente de todos os editores estabelecer-se na capital do imperio americano, zelando com imparcialidade os interesses de todos os seus constituintes por interesse proprio; explore e eduque o leitor nas povoações do novo mundo, por modo analogo ao indicado para as terras do reino, e ver-se-há o mercado litterario prosperar, não em proporções assombrosas de opulencia, incompativel com a mesquinhez relativa da população dos dois mundos que conhece a lingua portugueza; mas de modo muito mais lisongeiro para os interesses commerciaes dos editores e para a vida real das letras patrias.

Accusar-nos-hão, talvez, de utopistas n'estes re-

cursos tão simples que temos apontado: embora! Afrontando o epitheto, levaremos mais longe a ousadia! Que a federação editora offereça um premio pecuniario avultado, formado por colisão em commum, áquelle que, no sim de cada anno, poder provar ter sido quem mais livros de edições portuguezas comprou. Os meios de regular este concurso parecem-nos faceis; e por alguns centos de mil reis despendidos, affluiria aos cofres dos editores avultada colheita da semente espalhada; e ainda quando os lucros se não offrescessem a principio, ir-se-hia preparando o terreno para dar, mais tarde, abundante producção ao semeador.

Só estes alvitres, que, ao correr da penna, abifiam exarados, poderão salvar a nossa litteratura da funesta e injustificavel decrepidez, em que vae caindo marasmada.

Um facto importante se está dando no paiz, com relação ao desenvolvimento do gosto da leitura. É a vulgarisaçao do jornalismo baratissimo; mas—digamol-o sinceramente—o jornalismo, que tem outros e importantes destinos a cumprir na civilisaçao dos povos, representa, com relação ás bellas letras, o mesmo papel que o amargo dado a um enfermo para lhe abrir o appetite. Não é alimento aquillo... é estimulo para facilitar-lhe a digestão dos alimentos. O *ceci tuera cela* não pôde applicar-se ao jornalismo com relação ao livro, no que respeita á litteratura. As folhas soltas do jornal pôdem ser petalas, desfolhadas pelo sopro da publicidade, mas a flor perfeita e cultivada com esmero só no livro se encontra!

Dissemos que era injustificavel a decadencia da nossa litteratura, e não é dificil demonstrar a asserção.

(Continua)

C. B.

A SALUTAR VIGILANCIA EXERCITADA PELOS CENSORES DA ANTIGA ROMA

Nas *Noites Atticas* de Aulo Gellio encontro a seguinte passagem, que fielmente traduzo:—Ser negligente na cultura do seu campo, deixal-o reduzir a ruim estado, não o lavrar, nem alimpar, nem mondar; não cuidar do bom entretenimento das arvores, nem do amanho das viñas... eram em outro tempo estas omissões outros tantos delictos, que a Lei punia por intervenção dos Censores, os quaes comminavam aos culpados a privação do direito de suffragio.—Se um cavalleiro romano apresentava um cavallo magro e maltratado, ficava exposto á nota de *impolicia*, que tanto quer dizer como *incuria*, *desmazelo*. Os estylos que mencionámos são attestados por mais dum testemunho; e frequentes vezes se falla delles nos escriptos de Catão. = (1)

No texto latino ha uma phrase, que necessita de explicação: *Censoresque aerarium faciebant*.—Chamavam-se *Oerarii* os plebeus que haviam sofrido, como pena, a privação do direito de suffragio, e que só conservavam, da qualidade de cidadão, o encargo de pagar o imposto. Nesta conformidade, traduzimos aquella phrase, dizen-

(1) *A Gettii Noctium Atticarum Commentarius*. Lib. IV. Cap. xii.

do: os Censores comminavam aos culpados a privação do direito de suffragio.

Os Censores reprehendiam os cidadãos, não só por se mostrarem descuidados na cultura dos campos, senão tambem por se conservarem celibatarios, por serem perjuros, por serem devedores infieis ou negligentes; e chegava a tal ponto a sua authoridade moral, que puniram com a mesma pena de censura ou reprehensão um Consul, que menos recatadamente déra um beijo em sua mulher na presença de sua filha.

Cicero refere que uma tão severa magistratura encherá, nos primeiros tempos, de terror os romanos: *horum enim severitatem dicitur inhorruisse primum civitas.* — O mesmo Cicero acrescenta, que a decisão ou sentença dos Censores apenas

infligia vergonha e pejo ao condemnado; e por quanto uma tal penalidade se resolia em uma certa mancha nominal, o castigo que em tal caso se applicava, tinha a denominação de ignominia: *animadversio illa ignominia dicta est.*

Admiravel associação de idéas! observa finalmente o donto traductor da *Republica* de Cicero: aquella magistratura que fazia tremor Roma, só comminava penas de opinião, e era unicamente o orgão de um ponto de honra publico! Grande povo era aquelle, que se intimidava com uma tal penalidade! (2)

A Deus praza que a consciencia de cada um de nós, tão severa como a *Censura* dos antigos romanos, nos inspire sempre o sentimento do dever moral!

JOSE SILVESTRE RIBEIRO.



Um quadro de Pareja

Diego Rodriguez Velasquez de Silva, famoso pintor castelhano, descendente de familia portuguesa, nasceu em Sevilha a 6 de junho de 1599, e falleceu em Madrid a 7 de agosto de 1660.

Este distinto pintor, quando em 1628 foi chamado a Madrid, tinha ao seu serviço um mulaço (escravo herdado ou comprado) por nome — *Juan de Pareja* (nasceu em Sevilha no anno de 1606, e falleceu no de 1670). Pareja tinha ao seu cuidado moer as tintas, preparar os pinceis, conservar aceiada a officina de Velasquez; mas, ao occupar-se deste serviço, verdadeiramente servil, sentia em si uma natural disposição para a arte

que seu amo cultivava, e muito em segredo, e sempre que tinha oportunidade, entregava-se ao desenho, e punha toda a attenção em copiar as pinturas de Velasquez. Succedendo acompanhar este ultimo nas viagens á Italia, ali, na patria das bellas artes, deu Pareja o remate á sua educação artistica, e se habilitou para tambem ser pintor.

Um dia, e á hora em que Pareja concluia um quadro, acertou de passar Philippe IV (a scena

(2) *La République de Cicéron traduite d'après le texte découvert par M. Mai avec un discours préliminaire et des suppléments historiques... par M. Villemain.*

representava-se nos paços reaes). Pareja teve apenas tempo de voltar para a parede o seu quadro; mas não foi tão rapido esse acto, que Philippe IV não o podesse notar, e não se deliberasse a perguntar o que era aquillo. Pareja lança-se de joelhos, pede a Philippe IV que lhe perdoe, e mostra ao soberano o quadro (é a copia delle que a nossa estampa representa), em que a rainha está recebendo das mãos de seu esposo um collar de oiro para lançar ao pescoço de Velasquez, que havia concluido o retrato da mesma rainha.—O soberano viu o quadro, considerou-o attentamente, e disse por fim: *Não mais deve ser escravo quem possue tamanho merecimento.* — Velasquez não contradisse o soberano: Pareja veio a ser o seu melhor discípulo.—A principal pintura de Pareja, a sua obra prima é a *Vocação de S. Matheus*, que se vê em Aranjuez. As demais pinturas encontram-se pela maior parte em Toledo e em um dos conventos de Madrid.

BEATRIZ

Scenas da vida intima dos Açores no seculo XVIII

(Continuado de pag. 330)

XXI

No dia seguinte áquelle em que se passaram essas scenas, uma numerosa caravana ia para a lagoa das Furnas. Beatriz montava um formoso cavallo preto. Seguiam-na alguns cavalheiros, entre os quaes se via D. Fernando. Estavam pessimos os atalhos que conduziam então para o lago. O solo era inclinado, desigual e pedregoso; Beatriz, porém, affeita aos exercícios equestres, destemida e louca de contente doudejava com o seu cavallo, ora esporeando-o para metter a toda a brida, ora chegando-lhe com o chicote para o fazer saltar. O conde era o unico homem, que se atrevia a acompanhal-a de perto; todos os outros achavam mais prudente miral-a de longe. D. Fernando levava os olhos fitos na formosa menina; o mais leve movimento, que ella dava na sella, sobresaltava-o. A anciedade da sua alma lia-se-lhe no rosto. Todavia, Beatriz sorria dos seus terrores, pueris lhe chamava ella; comtudo sabia mais do que muito o perigo que corria, mas creança doudejante dava-se por bem paga com o prazer de conhecer o cuidado que por ella tomava o conde.

Quando chegaram á pequena praia, que fica da parte das aguas thermaes, Beatriz começou a sentir que o passeio tivesse acabado. As sensações que, durante elle, se lhe haviam despertado no coração, terminaram e a fronte do conde sere-nara-se. Depressa, porém, teve ella outro ensejo de lhe levantar n'alma novos temores. O seu cavallo espantou-se dos eccos do valle, que repetiam os sons das armas de varios caçadores e do temeroso estrondo das aguas thermaes, que ali brotam fervendo em cachão e impregnadas de enxofre. De repente deu uma volta para traz, comtudo, Beatriz, sem se desconcertar na sella, voltou o para a mais medonha d'essas nascentes, cuja circumferencia teria 10 metros e, tocando-lhe o chicote e com as esporas obrigou-o a saltal-a, indo ficar do lado opposto, sobre um terreno de pedra pomes, em que o mais curto furo dá aso a rebentar agua em borbulhões. Todos esses movimentos foram obra de momentos, que

para o conde correram amargurados pela mais horrivel anciedade. Todavia, ella conservou-se sempre impassivel, ostentando o garbo de uma amazona mui graciosa. D. Fernando pallido ainda pelo temor, que o tomara, apeara-se do seu cavallo, para ajudar a desmontar-se, mas Beatriz, antes d'elle a descer do seu cavallo, entregou as suas redeas ao criado que a acompanhava e meteu-se n'um dos botes do lago.

Beatriz gostava de brincar com o seu cavallo, mas n'aquelle dia, ebria de amor, passara a praticar extremos de loucura; é que ella sentia trasbordar-lhe a alma de prazer e carecia de agitarse para dar-lhe expansão e furtar-se desta arte a ter com o conde uma explicação que a havia de enleiar sobremaneira.

No barco entraram com Beatriz duas senhoras, que eram surdas como as plantas aquáticas que o cercavam, e dois cavalheiros, que entendiam italiano, como as aves que esvoaçavam por sobre as suas aguas. Assim os dois amantes podiam falar com plena liberdade.

D. Fernando procurara de balde desde o principio do passeio conversar com Beatriz; é que elle sentia um impulso invencivel, que o levava a abrir-lhe os mais reconditos sentimentos da sua alma. Aproveitou-se pois do ensejo e começou a fallar-lhe da sua profunda tristeza, das aspirações do seu coração e do desejo de encontrar na terra o typo ideal dos seus sonhos.

Beatriz ouviu-o com a religiosa attenção de quem não queria perder uma unica palavra do que elle lhe dizia e, quando elle acabou de falar, respondeu-lhe.

—Não sabes, Fernando, como eu te agradeço do intimo d'alma o que me dizes. Desde o primeiro dia, em que te vi, comecei a sentir-me prender pela melancolia que divisava em ti. Esse sentimento meigo e suave, que desde a infancia me embalava em doces sonhos e poeticos devaneios, enlaçou o meu coração ao teu, para formar das nossas almas, uma só alma para o amor. Temia-me, porém, que magoas d'amor te melancolissem assim. A minha imaginação receiosa antolhava-se que aquelle magico poder, que tu tinhas sobre mim, já outro o teria exercido sobre ti. O meu amor, pois, como vés, nasceu sem esperanças e o que é maior prodigo, cresceu sem ellas.

Beatriz, no principio do passeio, estava sobremodo embaraçada; se ella então quizesse soltar uma só palavra, ser-lhe-ia impossivel. Todavia, quando o batel começou a deslisar pelas serenas aguas do lago e os sons harmoniosos dos instrumentos se casaram com as vozes sonoras das suas companheiras, para fazerem soar os echos do valle com suaves melodias, Beatriz sentio se tomar por uma amorosa exaltação, que a levou a revelar alto o que lhe ia no seio d'alma.

O estado de D. Fernando, ao ouvir aquellas phrases de Beatriz, era indisivel. De ha muito, o coração lhe revelara a affeição de Beatriz, com tudo aquella ingenua confissão de amor, feita por uns labios formosos e virgens de affectos, leve para elle encantos que lhe fizeram sentir as mais suaves commoções.

A todas essas phrases dava realce aquelle tu, que na boca da mulher que se ama é uma das mais encantadoras cousas deste mundo. Como se atrevera, porém, Beatriz a dal-o? não sei; o que sei é que ella, sem querer e sem ter con-

sciencia do que dizia se achou tratando assim o conde, que acolhe *aquelle tu* com mais ineffavel prazer do que receberia um titulo de imperador e o tratamento de magestade. E' que os sentimentos intimos, nos actos mais singelos da vida fazem sentir as mais gratas commoções.

Beatriz, ao acabar essa declaração, por uma reacção muito natural, caia n'um estado de abatimento e sentio-se córar até a raiz dos cabellos. A esse dialogo tão apaixonado sucedeu pois o silencio. No batel não se ouvio por largo espaço senão o ranger da mastreação e o correr da agua. Depois, porém, ella levantou a fronte pallida e consternada e disse:— Fernando, a tua imagem era para mim o typo ideal dos sonhos da minha infancia, quando junto á lareira me contavam contos de fadas, em que contavam por heroes grandes senhores, eu sonhava sempre com um conde ou com um principe; que eras tu mesmo. Hoje, vejo-te, sinto-te ao pé de mim e tudo isto me parece um sonho; mas um sonho, em que sou tão feliz!... Esta felicidade, porém, não pôde durar muito. Tu és grande, aspiras á gloria, não podes nem deves limitar-te ao nosso viver de província, sacrificar-me as mais nobres aspirações do teu espirito tão alto.

— Que dizes Beatriz?! Por ventura já te sou importuno? Ha tão pouco tempo que me amas e já pensas em me esquecer?! Acaso não sacrificarias tu todas essas aspirações se fosses homem?! Falas-me de gloria! Mas não te amo eu mais do que ella, tanto como a honra como a patria, como Deus?

— Sacrificava-te sim, vida, patria e gloria. Rainha que eu fosse, amar-te-ia mecanico. Mas eu sou mulher e a mulher só vive para amar; tu, porém, és homem, tens outros deveres.

— Outros deveres Beatriz?! O dever do homem de bem é servir a causa da verdade. Grande na Allemanha dedicar-me-ia ao seu serviço, como simples fidalgo nos Açores a servirei n'esta terra, a que me prendem os mais doces laços do coração. Viveremos aqui Beatriz?

— Neste lago e sós, replicou Bertriz, comprazendo-se de phantasiar um castello no ar com D. Fernando.

— Sim n'este lago e sós. Tu serás a dama do lago.

— E tu o cavalleiro do lago.

— Faremos d'este sitio o paraíso do nosso amor. Cobriremos essas montanhas, que o cercam, de formosas arvores, abriremos ruas atravez d'ellas, que havemos de orlar de hortencias e flores mimosas; plantaremos além, n'aquelle planicie, um jardim. Ali naquelle montanha edificaremos o nosso solar. Percorreremos todas essas cercanias a cavallo e sós; mas tu has de andar socegada? não? não me has de assustar como ainda agora?

— Não.

— Promettes?

— Prometto.

— Arborisaremos todas essas montanhas até o Pico da Vigia, para ir lá matar saudades do mar.

— Saudades do mar, conde, ou de alguma dama d'além mar, amores teus lá de Allemanha, acrescenta Beatriz, entre ciosa e risonha.

— Já ciumes Beatriz?

— Não são ciumes, Fernando, mas, tu conde da minha alma, has de ter dó de mim, não me has de dar occasião de soffrer?

— Não.

— Juras-m'o?

— Juro-te pela memoria de minha mãe, pelo nome de meu pae e pela minha honra de fidalgo.

Quando o conde acabou de proferir estas palavras, a lúa prateava as aguas do lago, o batel corria ligeiro sobre elles. Então uma rajada de vento inclinou-o repentinamente para um lado. Beatriz, instinctivamente, lançou os braços em torno da cintura do conde. Com este movimento mui rapido caio-lhe no barco o chapéu, os seus cabellos soltaram-se e o vento levou-os a baterem nas faces do conde, que uma segunda rajada fez approximar tanto d'ella, que elle sentio uma força irresistivel e mysteriosa leval-o a imprimir um beijo ardente n'aquelle cabellos tão caros como formosos. A vela do barco que se achava entre elles e os outros passageiros não deixou estes verem o que se passava entre os dois amantes.

Poucos instantes depois desse que para o conde encerrava maior felicidade do que toda a que tivera na sua vida, Beatriz saio do barco, encostada no seu braço, mui diferente do que para lá entrara. Ninguem diria que era a ligeira e vaporosa amazona, que pouco antes saltara para o batel. Caminhava vagarosa e languida. O seu ar era grave e melancolico. Parecia não querer apressar um só minuto dos que tinha ainda para estar com D. Fernando. e que, soffregia do tempo que para ella corria veloz, era avarenta de todos os momentos para lograr, a seu sabor, os sentimentos que então se lhe despertavam no coração.

Para montar a cavallo, esperou que o conde a ajudasse e partiu a galope com elle, adiante dos seus companheiros, tão sómente para se afastar delles alguns passos.

Ao chegar ao valle, o conde pedio-lhe uma lembrança d'aquelle dia. Esta noite, disse ella, ás dez horas debaixo da minha janella e dar-t'a-hei. O conde foi exacto á hora aprasada e recebeu uma carta, que levou aos labios com alvoroço. Dentro della vinha uma trança d'aquelle cabellos, que nesse mesmo dia beijara com tanto amor.

(Continua)

VICENTE MACHADO DE FARIA E MAIA.

CURIOSIDADE HISTÓRICA A RESPEITO DO DIVÓRCIO

O primeiro exemplo de divórcio, que a história de Roma apresenta, é o de Spurius Carvilius, cidadão romano da classe dos nobres, — o qual, no anno 523 depois da edificação da cidade (231 annos antes da era christã), repudiou legalmente sua mulher.

Mais de cinco séculos decorreram pois em Roma, sent que houvesse um só exemplo de divórcio! O que, porém, se torna sobremaneira notável, é que o mencionado Spurius Carvilius vivia na mais completa harmonia com sua mulher, e só rompeu os donosos laços que o ligavam á sua companheira virtuosa, porque desejou mostrar-se fiel á palavra que havia dado aos magistrados.

Ouçamos Aulo-Gellio, historiador deste facto singular:

— Servius Sulpicius, no seu tratado — *Dos dotes* —, nos diz que sómente fôra reconhecida a necessidade de exigir caução pelos bens dotaes, desde que Spurius Carvilius, por appellido — *Ruga* — homem de nascimento nobre, se divorciou de sua esposa, pela razão de ser ella estéril. Este

divorcio effetuou-se no anno 523 da fundação de Roma, sendo consules M. Atilio, e P. Valerio. Conta-se que este Carvilius vivia em perfeita união com a mulher que repudiou, e a quem amava com ternura por suas excellentes qualidades e carácter; mas, que sacrificára o seu amor á religião do juramento, não querendo quebrantar o empenho que tinha contraído, quando, em presença dos Censores, jurára que ia casar para ter filhos. —(1)

Infeliz Carvilius! Pelo mais deplorável excesso de pudor, por um falso ponto de honra, deu de mão a um dos maiores thesouros da terra, qual é o de possuir uma esposa virtuosa!

JOSE SILVESTRE RIBEIRO.

SEÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Descobrimentos dos Portuguezes nos séculos XV e XVI. Cousas que os determinaram, sua importancia, e consequencias mais notaveis que delles resultaram. Por A. F. Marx de Sori. Lisboa, 1867. Typ. de Castro Irmão.

Este livrinho, a todos os respeitos bellissimo, refere-se á época mais brilhante e gloriosa da historia de Portugal, qual é a dos séculos XV e XVI, em que os portuguezes illustraram para sempre o seu nome por meio de ousados descobrimentos maritimos, e apresentaram á admiração do mundo uma galeria de grandes homens, honra da humanidade, e inveja dos demais povos da terra.

O sr. Marx de Sori expõe primeiramente as causas que determinaram os famosos descobrimentos dos portuguezes, acrescentando áquellas que o chronicista Azurara aponta outras que avissadamente lhe ocorrem; apresenta depois, de um modo engenhoso, a substancia desses descobrimentos; e, afinal, expõe as consequencias mais notaveis que de tais factos resultaram.

É donoso espectáculo ver desfilar diante de nós os magestosos vultos de D. João I, do preclarissimo Infante D. Henrique, de Bartholomeu Dias, de D. João II (substituindo o nome de *Tormentoso* pelo de *Boa Esperança* do extremo cabo africano), do immortal Vasco da Gama, de Pedro Alvares Cabral, de D. Francisco de Almeida, do incomparavel Affonso de Albuquerque, — e de tantos e tantos outros portuguezes que nas páginas da historia deixaram um rastro luminoso.

Não ha duvida que os gloriosos descobrimentos dos portuguezes, e os bellos feitos dos dois séculos, estão gravados nos escriptos dos chronicistas e historiadores; mas o sr. Marx de Sori tem o grande merecimento de coordinar as nossas recordações, e de inflamar o nos o patriotismo, traçando elegantemente, e com a vivacidade do amor da terra natal, o formoso quadro da heroicidade de aventurosos argonautas, de intrepidos guerreiros.

E não é só a elegancia, não é só a inspiração de um nobre sentimento, o que avulta neste escripto; encanta-me tambem a propriedade da expressão, qual, por exemplo, pôde notar-se na seguinte passagem: —«A pique esperam os nossos pela viração. Tão depressa ella enruga as vagas, como afanosamente é aproveitada nos traquetes, e as náos vão dar fortemente sobre os moinhos.» —(pag. 25.)

(1) Os leitores que pretenderem verificar a fidelidade da minha traducción, vejam: *A Gallii Noctium Atticarum Commentarius*. Lib. IV. Cap. III.

As conquistas não foram duradouras; mas é consolador o podermos dizer com o sr. Marx de Sori: —«Percorram os areiaes da Africa, visitem os palmares da Asia, admirem as florestas da América, ou naveguem por entre as ilhas da Oceania, que em toda a parte, ou seja no padrão de pedra, na cruz do templo, na muralha da fortaleza, no nome do descobridor, ou na linguagem do povo, por toda a parte hão de encontrar vestígios da passagem dé nossos avós, dizendo — honra ao nome portuguez!» —

Lisboa, 25 de setembro de 1867. JOSE SILVESTRE RIBEIRO.

Collecção dos livros classicos portuguezes, que se acham reimpressos e á venda na livraria do editor, rua Aurea n.º 132; *Elucidario das palavras, termos e phrases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*, obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam publicados em beneficio da litteratura portugueza, por F. Joaquim Santa Rosa de Viterbo, 2.ª edição, revista, correcta e copiosamente addicionada de novos vocabulos, observações, notas criticas e um indice remissivo, pelo sr. Innocencio Francisco da Silva, 2 vol, in-folio a duas columnas, 4\$000 réis — *Historia de um Domingos particular do reino e conquistas de Portugal*, por Fr. Luiz de Sousa, 6 grossos vol. in-4.º 7\$200 — *Chronica da Companhia de Jesus*, pelo Padre Simão de Vasconcellos, addicionada com as notícias antecedentes, curiosas e necessarias das cousas do Brazil e o poema á Virgem Maria, pelo Padre José Anchieta, contendo mais 7 cartas, escriptas do Brazil para Portugal, pelo Padre Manuel Nobreza, 2 vol. in-4.º 1\$800 — *Trabalhos de Jesus*, compostos pelo veneravel Padre Fr. Thomé de Jesus, 3.ª edição, mais correcta que as antecedentes, acompanhada da vida deste servo de Deus e da carta do mesmo veneravel Padre á nação portugueza, 2 vol. in-4.º 1\$800 — *Origem e orthographia da lingua portugueza*, por Duarte Nunes de Leão, obra util e necessaria assim para bem escrever a lingua portugueza como a latina ou quaequer outras que da latina tem origem, com um tratado dos pontos das clausulas, 1 vol. in-8.º 300 réis — *Reflexões sobre a lingua portugueza*, por Francisco José Freire (o Cândido Luzitano), em 3 partes: a 1.ª trata do valor das palavras e correção da grammatica; a 2.ª trata do que pertence á pronunciaçao, e a 3.ª comprehende illustrações e additamentos ás partes 1.ª e 2.ª, 3 vol., 720 réis — *Historia Insulana das Ilhas a Portugal, sujeitas no oceano occidental*, composta pelo Padre Antonio Cordeiro, para confirmação dos bons costumes assim moraes como sobrenaturales dos nobres antepassados Insulanos, nos presentes e futuros descendentes seus, só para salvação de suas almas e maior gloria de Deus, 2.ª edição, anotada pelo exm.º sr. Deão da Sé do Funchal, 2 vol. in-4.º, 2\$000 réis — *Memorial das proezas da segunda tavola redonda*, por Jorge Ferreira de Vasconcellos ao mui alto e mui poderoso rei D. Sebastião, primeiro deste nome em Portugal nosso Senhor, impressa pela primeira vez no anno de 1567, 1 vol. in-4.º, 1\$000 réis — *Justa acclamação do serenissimo rei D. João IV*, tratado analytico composto pelo dr. Francisco Velasco Gouveia, 1 grosso vol., 1\$000 réis — *Viriato Tragico*, poema heroico em 20 cantos, de Braz Garcia de Mascarenhas, 2 vol. encadernados em 1, 4\$200 réis.

O antigo editor do *Panorama*, desejando proporcionar aos actuais srs. assignantes, e mesmo a quaequer outras pessoas que o não sejam, a maneira de poderem possuir, sem grande sacrificio a collecção completa deste interessante jornal, que conta hoje 13 volumes publicados, deliberou, para esse fin, abrir nova assignatura, não alterando o preço que teve a antiga, sendo o custo de cada volume broxado 1300 réis, e encadernado 1600 réis, isto unicamente para aquelles que se inscreverem como assignantes. As pessoas que assignarem para esta obra receberão um ou mais volumes cada mês, conforme melhor lhes convier, sendo o importe dos mesmos pago no acto da entrega. E as que tenham a collecção do *Panorama* incompleta, podem da mesma forma assignar para os volumes que lhes faltarem, bem como para qualquer numero que lhes faltar.

As assignaturas fazem-se nos seguintes locaes: Rua Aurea n.º 132 e 134; na redacção do *Panorama*, rua do Thesouro Velho n.º 6; e em todas as mais livrarias.